
HISTÓRIA POLÍTICA DE SOLEDADE: POSSIBILIDADES DE PESQUISA

POLITICAL HISTORY OF SOLEDADE: OPPORTUNITIES SEARCH

Fabian Filatow
Doutorando em História - PUCRS
Bolsista CAPES
ffilatow@ig.com.br

RESUMO: O artigo apresenta alguns resultados preliminares da pesquisa que desenvolvo no doutorado, a qual teve como ponto de partida o movimento dos Monges Barbudos (Soledade-RS, 1935-1938). Analisamos a história política de Soledade de 1932 a 1938, buscando compreender os motivos para a repressão imposta aos membros do grupo religioso. Repressão que foi orquestrada pelo Estado no período de consolidação do Estado Novo. Assim, analisamos alguns eventos, tais como o Combate do Fão (1932) e seus desdobramentos. O segundo acontecimento está associado à ocorrência das eleições para a Assembleia Estadual Constituinte realizadas em 1934. Período no qual ocorreram conflitos políticos entre governistas (PRL) e oposicionistas (FUG). Momento no qual identificamos um significativo aumento da violência como prática política na região, resultando no crime da Farmácia Serrana, no qual foi assassinado Kurt Spalding então membro da oposição (PL) e ex-combatente do Combate do Fão. Por fim, analisamos o contexto nacional após os eventos de novembro de 1935, como materialização do perigo comunista. Fato amplamente utilizado pela política varguista tanto para eliminar opositores quanto para instaurar o regime autoritário em 1937. Neste contexto, e em nome da segurança nacional, o governo eliminou uma possível ameaça, os Monges Barbudos, que segundo a documentação, poderia ser um núcleo comunista com ideias exóticas.

PALAVRAS CHAVE: História Política. História Regional. Soledade.

ABSTRACT: This article presents some preliminary results of a research that has been developing in doctorate. It begins at the Monges Barbudos (1932-1938) movement. The political history of the city Soledade between 1932 and 1938 years is analyzed to understand the reasons for the repression imposed on members of the religious group. That repression was orchestrated by the state in the period of consolidation of the New State. Thus, we analyze some events, such as the Combate do Fão (1932) and its consequences. The second event is known as Farmácia Serrana. It is associated with the occurrence of elections to the State Assembly Constituency in 1934. In that period occurred political conflicts between government supporters (PRL) and opposition (FUG). In consequence a significant increase in violence as a political practice in the region, resulting in the murder of Kurt Spalding, opposition member (PL) and a veteran of the Combate do Fão. Finally, it has been analyzing the national context after the events of November 1935, with the realization of the communist threat. Vargas widely used it to eliminate political opponents as well as to establish authoritarian rule in 1937. Against this background, and in the name of national security, the government eliminated a possible threat, the Monges Barbudos, which according to the documentation, could be a communist core with exotic ideas.

KEYWORDS: Political History. Regional History. Soledade.

Introdução

O artigo tem como objetivo apresentar algumas possibilidades de pesquisa em História Política, tendo como referência o município de Soledade, interior do Rio Grande do Sul. Neste sentido apresentamos algumas análises da história política municipal entre os anos de 1932 e 1938. A análise da história política local e regional pode oferecer contribuições para que possamos compreender os motivos que levaram o Estado Brasileiro a mover uma ação militar repressora contra um movimento religioso composto por camponeses e conhecido como Monges Barbudos no ano de 1938.

Assim sendo, nos ateremos a três momentos específicos: o Combate do Fão (1932), Soledade contra o governo de Flores da Cunha e Getúlio Vargas; as eleições de 1934 e a consequente escalada da violência política, que provocaram o crime da Farmácia Serrana e o contexto nacional após o Levante Comunista de 1935 que contribuiu tanto para a instauração do Estado Novo quanto para a identificação dos Monges Barbudos como ameaça à segurança nacional.

Soledade insurgente

A frágil e artificial unificação política vivenciada no estado do Rio Grande do Sul através da composição da Frente Única Gaúcha (FUG) não tardou a se desmaterializar. O Partido Republicano Liberal (PRL) tinha sua organização baseada nos “moldes dos tradicionais partidos oligárquicos da República Velha” (ABREU, 2007, p. 86), características estas também comuns à FUG. Segundo a historiadora Sandra Pesavento,

Na verdade, oligarcas eram tanto os elementos agrupados na FUG quanto os do PRL. A distinção possível de ser feita entre eles, como se evidenciou por ocasião do levante de 1932, configura um apego maior à forma tradicional de mando oligárquico do grupo denominado aqui de “ala regional”, que constituiu a FUG, enquanto que os seguidores de Flores, agrupados no PRL, constituíram o setor “nacionalista”, que apresentava maior identificação com a orientação do Governo Provisório. (PESAVENTO, 1980, p. 143)

Para Hégio Trindade, estas disputas políticas se fizeram presentes entre os motivos

do fracasso dos levantes ocorridos no Rio Grande do Sul em prol da constitucionalização do país em 1932. Referindo-se aos impasses políticos existentes no interior da FUG, Trindade expressou que,

O movimento de 32 não alcançou maior repercussão interna no Rio Grande do Sul devido, principalmente, à profunda cisão havida entre os líderes. A ruptura Borges versus Aranha, Vargas e Flores provocou uma divisão dentro do partido. O mesmo se passa nos quadros do PL, onde Pilla radicalizou (ligando-se a Borges), juntamente com Batista Luzardo, ao passo que membros importantes como Assis Brasil insistiam na pacificação. (TRINDADE, 1993, p. 181)

Neste contexto, o caso de Soledade foi significativo, pois a liderança política local da Frente Única municipal organizou uma ação político-militar em prol da constitucionalização.

Cândido Carneiro Júnior, do Partido Libertador, liderança local, recebeu em 1932 ordens e recursos financeiros do interventor federal Flores da Cunha a fim de organizar o 33º Corpo Provisório a fim de combater os opositores paulistas, porém, organizou um grupo revolucionário com o objetivo de apoiar a causa da constitucionalização e combater o governo ditatorial de Vargas.

Em 1932 Soledade contava com a existência de dois corpos provisórios, o 33º e o 44º, que era comandado por Pedro Corrêa Garcez (de filiação republicana), sendo que este se manteve ao lado de Flores da Cunha.

Opondo-se a ditadura, a Frente Única de Soledade iniciou à contestação armada ao governo provisório. Uma parcela da elite política soledadense enfrentava com armas a decisão do interventor, evidenciando o desacordo político entre o local e o regional.

Em 1º de setembro de 1932 o comandante Cândido Carneiro Júnior publicou o manifesto revolucionário endereçado ao povo gaúcho. No documento percebem-se as críticas ao governo federal, ao autoritarismo e a defesa da causa constitucionalista. (PAULA, 1972, p. 26-29)

No manifesto temos os planos militares dos revoltos, os quais não se restringiriam a Soledade, estava planejada a ocupação de outros municípios como Carazinho e Passo Fundo.

Dentre as possibilidades que levaram Soledade a romper política e militarmente com Flores da Cunha e com o governo provisório, indicamos as disputas políticas que regeram o Rio Grande do Sul desde a Primeira República. Ou seja, a tradicional polaridade política,

destacando às concepções federalistas e centralistas que se apresentavam neste momento na vida política nacional. A fidelidade partidária e a assim nomeada traição de Flores da Cunha pela oposição, teriam contribuído para a ação rebelde ocorrida em Soledade.

No telegrama enviado a Flores da Cunha por Candido Carneiro Júnior, obtemos informações sobre a ocorrência de um confronto entre os revoltosos e as forças estaduais.

Soledade, 3 de setembro de 1932. General interventor, Porto Alegre.
Por emissário aqui chegado fui informado de que meu partido está contra a ditadura. Não acreditei por que o Dr. Adalberto e V. Exa. me disseram de viva voz que o meu eminente chefe Assis Brasil, estava com a ditadura, mas, instalado pelo povo e famílias, assumi o comando do movimento neste município. Fazendo minhas as palavras de V. Exa., que neste Estado ou se é de um partido ou não se é coisa nenhuma, fico com o meu partido e com o Rio Grande. Hoje me defrontei com suas forças no “Paço do Rocha”, foram mortos oito homens. Estabeleci governo e prendi os que não estavam com o governo neste município. Estou a frente de 1.500 homens e m armas ou sem elas, lutarei até meu assassinato com aqueles que vão acompanhar o Rio Grande no despenhadeiro em que se acha. Organizei o corpo de 400 homens com recursos que V. Exa. me forneceu, mas não recebi armas nem munições para traí-lo. O dinheiro é do povo, uso-lo com igual direito. Sou dos maiores contribuintes do fisco municipal e estadual. Vejo em V. Exa. o Bento Gonçalves da atualidade, o general querido do Rio Grande. Nada temo, pode mandar contra mim todo o exército, enfrentá-lo-ei de animo resoluto nas matas deste município, quando não possa lutar em campo, e estarei no último reduto a ser batido. Não me queira mal, serei um seu amigo e soldado. Isso passa e nós ficamos. Cândido Carneiro Junior, ex-tenente-coronel, comandante do 33º Corpo Auxiliar. (Apud PAULA, 1972, p. 31-33)

Podemos confirmar a divergência no campo ideológico. Cândido Carneiro Júnior identifica Flores da Cunha com a liderança de Bento Gonçalves de anos anteriores, declara ser ainda o “general querido do Rio Grande”, porém, mesmo com estas considerações, não permaneceu ao lado do interventor, liderou uma luta armada a fim de permanecer coerente com sua ideologia política e partidária, combatendo a interventoria gaúcha e o governo central do Brasil em defesa da questão da constitucionalidade. Em resposta, Flores da Cunha enviou tropas da Brigada Militar para reprimir os revoltosos. O confronto ocorreu às margens do rio Fão, em 13/09/1932.

Com o fim do combate foi assinado um acordo de paz no dia cinco de outubro de 1932. Todavia, as consequências resultantes desta rebeldia política se fizeram presentes no desenvolvimento da história política municipal nos anos seguintes.

O crime da Farmácia Serrana

A agitação política permanecia em Soledade, mesmo com a pacificação assinada em 1932. Em 1934 ocorreram as eleições estaduais para a Assembleia Estadual Constituinte. O Partido Republicano Liberal constituía-se na força situacionista estadual. Num contexto político radicalizado o PRL e a FUG elegeram os seus candidatos.

Neste contexto de disputa eleitoral foi possível identificarmos o aumento da prática da violência política no município de Soledade. O crime da farmácia Serrana de Soledade esteve inserido neste contexto político.

A polarização política que ocorria em nível estadual repetia-se em Soledade pelo confronto entre oposição (FUG) e situação (PRL). A presença atuante de Spalding e Candoca representando os setores da oposição colocava em questão o domínio da situação florista. Esse fato permitia aos eleitores uma margem maior na troca de favores, pois, o que estava em jogo, para a maioria dos eleitores não era o predomínio deste ou daquele partido, mas sim, o atendimento dos seus interesses mediatos. Por outro lado, a bipolarização política em Soledade também levava a conflitos violentos, imprimindo mais agressividade à disputa e às relações políticas, pois apenas dois grupos se digladiavam pelo poder. (GUERREIRO, 2005, p. 104)

A partir de 1932 a repressão à oposição ficou evidente em Soledade, sob controle do PRL. No governo municipal de Francisco Müller Fortes (PRL), tanto a repressão quanto a prática da violência contra o grupo oposicionista em Soledade tornou-se prática corrente, sendo divulgadas inúmeras vezes pela imprensa. Dentre as práticas de violência que tiveram motivação política em Soledade identificamos o assassinato de Kurt Spalding, ocorrido no dia 15 de dezembro de 1934. As motivações deste acontecimento estão relacionadas com o levante político-militares de 1932 e as mazelas políticas ainda não superadas tanto no âmbito regional quanto local; a manutenção do poder local sob o controle do PRL, da necessidade da situação política em ampliar o poder regional florista, para isso era vital limitar a ação política da oposição soledadense.

Cândido Carneiro Júnior, em telegrama enviado a Borges de Medeiros e a Raul Pilla, relatou o acontecimento ocorrido em 15 de dezembro de 1934.

Soledade, 15, hora, 18.

Recebi o telegrama de V. Exas.

Os nossos companheiros estavam preparados para sufragar, amanhã, os candidatos da Frente Única. A capangagem armada de fuzil está postadas nas estradas impedindo o comparecimento às urnas dos nossos correligionários. Quando chegou o telegrama de V. Exas, chegava um, também, como comunicado do Dr. Lucído Ramos: que o subprefeito de 15 de Novembro, em Cruz Alta, havia seguido para a 8ª seção deste município, acompanhados de inúmeros capangas, armados de fuzil, para impedir que nossos correligionários votem. Nesta ocasião, preveni o Dr. Juiz de comarca, para pedir-lhe providências. Chegando a casa do valoroso Kurt Spalding, este convidou-me para entrar em sua sala, onde conversávamos amistosamente, quando, de repente, entraram três capangas armados, ao mando do prefeito municipal, impondo que o nosso correligionário Spalding recebesse e lesse um boletim de propaganda contra nós, o que aquele herói recusou fazer, sendo morto barbaramente, no seio de sua família e não tendo de arma nem um canivete. Reagi em defesa do amigo e correligionário (...) amanhã não compareceremos a eleição. Estou gravemente ferido. Dêem publicidade. Respeitosas saudações.

(a) Cândido Carneiro Júnior. (Apud WEDY, 1999, p. 41-42)

O crime teve significativa repercussão na imprensa, sendo noticiado pelo jornal de Passo Fundo, O Nacional, e pelo Correio do Povo em Porto Alegre.

O crime da Farmácia Serrana demonstra que as fissuras políticas de 1932 ainda estavam presentes na política local. Permite identificar igualmente a presença da violência como uma extensão da política, prática que não era uma exclusividade de Soledade da década de 1930, mas uma realidade presente no estado do Rio Grande do Sul. Porém, o estudo pormenorizado desta realidade permite um avanço nos estudos da história política e as relações entre o local e o regional.

Os Monges Barbudos nos documentos policiais

O movimento dos Monges Barbudos, ocorrido em Soledade entre os anos de 1935 e 1938, foi mais um dos casos que agitaram aquele município. Composto por camponeses reunidos sob preceitos religiosos e práticas de culto à natureza, alarmaram a região a tal ponto de serem reprimidos pelo Estado, através da Brigada Militar. Conflitos ocorridos na Semana

Santa de 1938, no então sexto distrito municipal, ficaram registrados na documentação policial incumbida de acabar com o grupo religioso.

A existência deste movimento deu-se num período conflitante da história nacional e regional. Nacionalmente tivemos o Levante Comunista (1935), que tornou o inimigo comunista “presente” e o processo de instauração do regime autoritário, que culminou no golpe do Estado Novo. Regionalmente vivenciava-se um confronto entre os ex-aliados, governador Flores da Cunha e Getúlio Vargas. O governador gaúcho era um entrave aos projetos centralistas e autoritários de Vargas, sendo necessário retirá-lo do poder, fato consumado em 1937, com o exílio de Flores da Cunha.

Neste contexto de disputas é que as fontes policiais podem contribuir para elucidar algumas das motivações que levaram à repressão orquestrada pelo Estado que acabou vitimando e prendendo diversos camponeses no interior de Soledade.

Assim, apresentamos algumas análises feitas a partir dos documentos policiais produzidos durante a repressão imposta aos Monges Barbudos, destacadamente relatórios que tiveram a intenção de apresentar aos superiores da Brigada Militar as ações desenvolvidas na tentativa de dispersar e reprimir o movimento religioso.

No primeiro relatório, averiguamos alguns dados significativos para a compreensão do uso da força e a ideia da qual estava imbuída a tropa ao se deslocar à Soledade:

Consoante vossa determinação telegráfica [está se reportando ao Comandante Geral da Brigada], fiz sair daqui, na madrugada do dia 19 do corrente [março de 1938], um contingente composto de vinte praças sob o comando do 2º tenente Arlindo Rosa, com destino ao 6º Distrito deste município [Soledade] a fim de reconhecer e dispersar uma reunião de fanáticos que constava existir e que estavam empregando idéias subversivas.¹

Destacamos dois pontos que chamam a atenção: o primeiro mostra a ciência a respeito da existência do Movimento dos Monges Barbudos antes da data do confronto (ocorrido entre os dias 13 e 17 de abril de 1938), ou seja, a movimentação do grupo já era conhecida pelo comando geral da Brigada Militar, a tal ponto de ter sido enviado para a

¹ Brigada Militar do Estado do Rio Grande do Sul, Destacamento do 3º Regimento de Cavalaria. Relatório enviado ao sr. Comandante Geral da Brigada Militar. Soledade, 30 de março de 1938, assinado pelo 1º Tenente Comandante do Destacamento Januário Dutra, p. 1.

localidade um agrupamento militar de reconhecimento. No segundo ponto, destacamos o uso das expressões “reunião de fanáticos e idéias subversivas”. Essas definições inúmeras vezes foram atribuídas a grupos de tendências comunistas e/ou divergentes do sistema (seja no campo político ou religioso). Assim temos uma dupla exclusão, ou seja, política, por serem inimigos da nação, possíveis comunistas; e religiosa, um grupo que se desviou da fé verdadeira, um fruto da ignorância.

Podemos, assim, interpretar que a força tarefa da Brigada Militar estava preocupada em conter um possível grupo comunista ou, pelo menos, um grupo contrário ao Estado Novo, visto ser uma região conflituosa e de passado divergente frente às determinações do governo.

Recebendo um enquadramento semelhante aos destinados aos “inimigos” comunistas, temos que o movimento foi identificado como subversivo e gerador de “idéias subversivas”, desta forma se enquadrou também como inimigo nacional, uma ameaça à ordem instaurada, e como tal deveria ser combatido. Corroborando com a ideia de que a Brigada Militar buscava encontrar entre os monges agentes comunistas,

[...] no dia 22 de março, foi remetido pelo tenente Arlino, um grupo de oito fanáticos que haviam se apresentado a ele [...]. Interroguei demoradamente cada um deles, verifiquei minuciosamente todos os documentos e demais papéis que possuíam, não tendo encontrado tanto nas declarações como nos papéis nada de importância, que indicasse a pregação de idéias exóticas.²

Segundo o próprio documento policial, a idéia de serem comunistas não se confirmou, pois nada foi encontrado que a comprovasse, mas isso não foi motivo para que a repressão ao movimento, bem como a negação da sua cultura, não ocorresse.

A explicação apresentada pelo 2º tenente Arlindo Rosa baseia-se numa visão preconceituosa frente aos nacionais que habitavam a região. Segundo o relatório, a condição de serem caboclos favoreceu o florescimento desses comportamentos tidos como exóticos e de idéias subversivas. Após dez dias de diligência pelo sertão íngreme do sexto distrito, contamos o 2º tenente:

Como me é dado a observar, a maior parte do pessoal que habitam nos lugares acima mencionados são descendentes do nosso caboclo indolente, pouco gostam de trabalhar, de maneiras que, a miséria começou a bater-lhe a porta da casa, então, por meio de uma seita religiosa tendo como padroeira a

²Ibidem. p. 1

Santa Catarina, procuram a se reunirem e se auxiliarem mutuamente. Os mais espertos então começaram a fazer a propaganda da religião, dizendo que, quem não pertencesse aquela religião muito em breve morreria e seus bens seriam repartidos com o pessoal da seita, aconselham também andarem desarmados, respeitar as autoridades, apanharem e não brigarem, não beberem, trabalharem pouco, não trabalharem sábados e nem domingo e purificarem o sangue, tomando Caroba, erva de mato e outras.³

Além do desprezo frente ao nacional, temos que o presente comentário corrobora para desprestigiar o movimento, desmerecendo sua religião, pois, quando fez uso dos termos fanáticos e seita, inferioriza-os perante o catolicismo, então religião oficial.

A divisão dos bens entre os membros da seita foi mais um ingrediente para a construção da propaganda de serem inimigos da nação, ou seja, serem esses monges comunistas, pois a religião pregaria o fim da propriedade privada, sendo que tudo pertenceria a todos, desde que participantes do movimento.

A religião dos Monges aconselhava a andarem desarmados, o que era significativo numa região violenta e conflitante como Soledade e arredores. O respeito às autoridades também era defendido. Solicitava não abusarem de bebida alcoólica, não brigarem, fatos que deveriam ser corriqueiros, pois, do contrário, não haveria a necessidade de serem condenados.

Com esses indícios, fica difícil aceitar a idéia que o movimento fosse um grupo violento e fomentador de agitações sociais, que viessem a oferecer alguma ameaça à ordem vigente.

Nos documentos temos ainda informações sobre a imigração em Soledade, que demonstram que a cultura dos monges, dos caboclos que participam do movimento, não foi compreendida. Acreditamos que houve um choque cultural, que atingiu também o religioso, vejamos:

Os colonos de origem estrangeira e os que não querem fazer parte da religião e que habitam naquelas paragens, vendo a união dos monges como são conhecidos e crescerem dia a dia os adeptos, estão ficando alarmados e começam a fazer os mais descontraídos comentários. Conforme estou informado, os fanáticos se reúnem sábados e domingos nas igrejas a rezarem completamente desarmados e depois dispersam-se e cada um vai para a suas casas.⁴

³Ibidem.p. 2-3.

⁴Ibidem.p. 3.

O Brasil dos anos 30 era regido por um projeto que se apoiava na promessa do progresso e da modernidade, percebemos no relato o confronto entre o arcaico e o moderno. Isso quer dizer que o nacional foi visto como expressão de atraso, pois reiteradas vezes os Monges Barbudos foram tidos como fanáticos, e sua religião qualificada como seita. Ao longo da história dos movimentos messiânicos no Brasil, percebemos estas expressões associadas com atraso, ao ultrapassado, acontecimentos de grupos ignorantes e incultos, enfim, foram apresentados como grupos incapazes de terem cultura. O mesmo aconteceu com os Monges Barbudos, os quais receberam essa tradição depreciativa.

Justamente contra esse arcaico se ergue o Brasil moderno na luta para excluí-lo de sua convivência, divulgando a ideia de que o trabalho enobreceria o homem e modernizaria o país. Neste contexto compreendemos o significado das palavras que declararam que os nacionais não são dados ao trabalho, é o nosso caboclo indolente.

Os estrangeiros foram tidos como semeadores da modernidade. Os europeus trabalhavam e praticavam religiões ditas normais. O caboclo, por sua vez, assumiu a figura da mistura, da raça inferior na qual o messianismo encontrou solo fértil, sendo fruto da ignorância ou da esperteza de alguns, chegando ao extremo de se tornarem fanáticos, oferecendo riscos a ordem vigente.

Percebemos, assim, a negação de uma cultura própria, a qual não encontrou espaço num projeto político que almejava justamente imprimir uma nova expressão cultural ao país.

Temos ainda a menção de que os Monges não portavam armas, apenas se reuniam nos fins de semana nas igrejas para realizarem suas orações e liturgias. O fato extraordinário era justamente a religião dos Monges Barbudos, por ser uma expressão religiosa independente, de certo modo, e por agregar rituais e crenças próprias de sua cultura.

No final do relatório, a conclusão do tenente Januário sobre a origem dos monges é de incerteza: “sr. Coronel, apesar de não ter encontrado, não posso negar ou afirmar a inexistência de algum núcleo disfarçado, para inocular, aos poucos, idéias exóticas aos moradores da referida região.”⁵ Mesmo após não ter encontrado nada que relacionasse os Barbudos com o comunismo, ocorreu a instauração da ordem, a repressão.

⁵Ibidem.p. 3.

O local, o regional e o nacional

Inseridas entre as possibilidades elaboradas a partir dos questionamentos e críticas efetuados às totalidades, contrapondo-se a ideia de ter na história explicações amplas, temos a perspectiva regional. Porém, devemos estar atentos para não cairmos no extremismo oposto, acreditar que a história regional por si só se basta.

María Rosa Carbonari apresentando algumas considerações sobre o conceito de história regional argumentou que,

Quando se diz que a história regional deve resgatar o específico, o particular de um subespaço, entende-se que se deve estabelecer quais são as suas relações com um espaço maior. Assim, esse espaço é entendido como uma unidade concreta situada dentro de outra unidade maior igualmente concreta: o Estado-Nação (...). (CARBONARI, 1991, p.287)

Desde as últimas décadas do século XX percebemos os estudos voltados para o regional e para o local ampliarem espaço no mundo acadêmico. As discussões gestadas da crise das totalidades contribuiram para um alargamento da percepção das possibilidades da pesquisa histórica, não que o regional (e mesmo o local) tenha em si o objetivo último das análises, que respondam a todos os questionamentos em si mesmos exclusivamente, muito pelo contrário, reflexões e pesquisas que focaram o regional evidenciaram as múltiplas relações existentes entre o nacional e o regional. Estes recortes analíticos passaram a ser concebidos não mais como simples resultados um do outro, o macro no micro, ou seja, o regional sendo percebido como um simples reflexo das decisões forjadas no âmbito nacional, tornando-se um subproduto deste, desconsiderando as particularidades e singularidades existentes e formadoras da região. Pelo contrário, sua existência exige necessariamente a interdiscussão entre o regional e o nacional, entre o macro e o micro. Evidenciando esta argumentação, entendemos que o nacional não é simplesmente a soma dos regionais, vai além, englobando as inúmeras relações que se impõem nesta existência constantemente tensa e dialética.

A historiadora argentina Sandra Fernandez, contribuindo com o debate sobre a necessidade de se ter uma compreensão mais ampla para a definição de região, apresentou os

problemas provenientes da utilização exclusiva do político-administrativo como critério para definição do regional e também do local. Segundo a historiadora,

Desde una perspectiva histórica, durante varios años la encrucijada de los estudios regionales y locales se pensó como La oposición, o mejoraún como el encuentro distorsido, entre la fomalización de tales estudios y la caracterización de ‘lo nacional’. En paralelo, también pudo observarse un corrimiento regular y constante de las definiciones de lo regional y local hacia un simple recorte administrativo, en un registro exclusivamente territorial. Estodio como resultado un ejercicio comprensivo, si bien ingenuo, no menos eficiente en torno de colocar como condición intrínseca el recurso territorial estricto para definir los estudios regionales y locales. Desde este ángulo, en general, se adaptaba casi mecánicamente una realidad social-económica-cultural a una forma de divisón política-administrativa. (FERNÁNDEZ, 2007, p. 33)

Continuando, Fernandez destacou os prejuízos decorrentes da utilização da noção de região segundo esta perspectiva restritiva,

Así, la historia regional tendría correspondência directa com una historia ligada a lo provincial o departamental, y la historia local estaria identificada con la comarca, la ciudad o el poblado, dejando a un lado cualquier tipo de consideración de los fenómenos urbanos o de los procesos inherentes a la construcción social e identitaria de esos espacios. (FERNÁNDEZ, 2007, p. 33)

O regional, por sua vez, não pode ser concebido simplesmente como espaço onde ocorrem os reflexos das resoluções estipuladas do âmbito nacional. Acreditamos que a maior contribuição para o estudo político de Soledade na década de 1930 está justamente numa percepção de regional que o compreenda como sendo composto pelas relações entre o local, o regional e o nacional, pois somente percebido neste sentido é que poderemos compreender as disputas políticas protagonizadas por Flores da Cunha e Getúlio Vargas. Disputas estas que tiveram seus desdobramentos também no âmbito regional/local, nas disputas de poder local do município de Soledade, influenciando, possivelmente, na ocorrência da repressão aos Monges Barbudos.

Fazendo uso desta concepção de regional, poderemos compreender o significado político do movimento dos Monges Barbudos naquele contexto, possibilitando o diálogo entre o local, o regional e o nacional. Assim sendo, levar em consideração as disputas vigentes na

política regional da década de 1930 nos possibilita uma melhor compreensão do acontecimento envolvendo os Monges Barbudos, propiciando uma análise mais ampla do objeto de pesquisa, não mais o restringindo a explicações do tipo *fanatismo* ou pela *teoria da falta*, que declara serem resultados da falta de assistência, educação, saúde etc..

A perspectiva regional proporciona perceber e questionar o papel do sujeito na história, o fazer cotidiano, e este se dá no local e regional primeiramente e pode ou não vir a se confrontar ou inserir-se num âmbito maior, como o nacional. Por isto, devemos ter sempre presente a relação existente e necessária entre o local, o regional e o nacional, sendo que a existência de um está presente na existência do outro, numa relação dialética e não numa simples relação de complemento.

Queremos, assim, destacar a relevância desta reflexão historiográfica, que tem como objeto construir uma possibilidade de análise sobre a ocorrência dos Monges Barbudos e a política da década de 1930. Somente de posse desta é poderemos analisar os acontecimentos políticos nomeados Combate do Fão, ocorrido em setembro de 1932 em Soledade, quando um grupo de dissidentes políticos se opôs às determinações do então interventor Flores da Cunha, que havia permanecido com Vargas quando da eclosão da Revolução Constitucionalista. Com o estudo da história local, poderemos avançar e compreender as disputas políticas que fomentaram este confronto militar às margens do rio Fão fato que demonstrou a vigência das divergências políticas existentes no Rio Grande do Sul, pondo fim a Frente Única Gaúcha e promovendo uma reorganização política no estado. No outro extremo da década, 1938, a repressão militar imposta aos Monges Barbudos, grupo religioso reunido no interior de Soledade, também deve ser analisado no seu contexto local, sua origem religiosa e cultural. Porém, tal conflito esteve inserido num contexto de disputas entre Flores da Cunha e Getúlio Vargas, entre as defesas do federalismo e do centralismo, o que levou a queda de Flores e a instauração do Estado Novo. Sendo assim, tanto o Combate do Fão quando os Monges Barbudos devem ser analisados tendo a obrigatoriedade da relação entre o local, o regional e o nacional.

Apontamentos finais

Do que foi apresentado, podemos indicar que a pesquisa histórica que tenha como recorte o local e o regional pode oferecer significativas contribuições para o conhecimento histórico. Nesta perspectiva faz-se necessário partir do local, relacionando-o com o regional e inserindo-o no contexto nacional no qual ocorreu. Este é o caso de Soledade na década de 1930, visto que seus principais fatos, tais como o Combate do Fão, o crime da Farmácia Serrana e os Monges Barbudos, não poderiam ser analisados unicamente em seu contexto local. Pelo contrário, estes acontecimentos locais possibilitam o diálogo com o regional e o nacional, permitindo leituras daquele complexo contexto político.

Esta forma de estudo possibilita identificar os sujeitos em seu cotidiano, no seu fazer a história no local, no regional e no nacional. Permite igualmente perceber os sujeitos históricos locais e anônimos que foram envolvidos pelo contexto histórico no qual suas vidas existiram. Podemos perceber as disputas locais quando do Combate do Fão e o seu significado local, regional e nacional, opondo-se a ditadura varguista, a derrota destes gerou uma significativa alteração na vida política de Soledade, com a ampliação do poder de Flores da Cunha naquela região. O crime da Farmácia Serrana permite analisar o uso da violência como uma extensão da política, não como caso único de Soledade, mas sim como uma constante no Rio Grande do Sul daquela época e presente tanto pela situação quanto pela oposição política. Neste sentido também é que podemos compreender a possível ameaça comunista, contra a ordem vigente, que recaiu sobre os camponeses que compuseram o movimento dos Monges Barbudos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Luciano Aronne de. **Um olhar regional sobre o Estado Novo**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.

CAMPOS, Derocina Alves. **Federalismo versus centralização: a década de 1930 no Rio Grande do Sul**. Rio Grande: Fundação Universidade Federal do Rio Grande, 2001.

CARAVANTES, Rejane Marli Born. **A crise política de 1932 no Rio Grande do Sul: o papel de Flores da Cunha**. Porto Alegre, novembro de 1988. (Dissertação de Mestrado em História – PUCRS).

CARBONARI, María Rosa. Algumas considerações sobre o conceito de história regional – um enfoque teórico-metodológico. **VERITAS**, Porto Alegre, v. 36, nº. 142, junho, 1991, p. 269-294.

DUTRA, Eliana. **O ardil totalitário**: Imaginário político no Brasil dos anos 30. Rio de Janeiro; Belo Horizonte: ED. UFRJ; Ed. UFMG, 1997.

FÉLIX, Loiva Otero. **Coronelismo, borgismo e cooptação política**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

_____. **A história política hoje**: novas abordagens. In: Revista Catarinense de História, nº. 5, 1998.

FERNÁNDEZ, Sandra R. Los estudios de historia regional y local de la base territorial a la perspectiva teórico-metodológica. In: SANDRA, Fernández (compiladora). **Más allá del territorio**: la historia regional y local como problema. Discusiones, balances y proyecciones. 1ª ed. Rosario: ProhistoriaEdiciones, 2007.

FERREIRA, Marieta de Moraes. **A nova “velha história”**: O retorno da história política. In: Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 5, nº 10, 1992.

FILATOW, Fabian. **Do sagrado à heresia**: o caso dos Monges Barbudos (1935-1938). Porto Alegre: UFRGS, 2002. (Dissertação de Mestrado).

FRANCO, Sérgio da Costa. **Soledade na História**. Porto Alegre: Corag, 1975.

GUERREIRO, Caroline Webber. **Vulcão da Serra**: violência política em Soledade (RS). Passo Fundo: UPF, 2005.

DIEHL, Astor Antônio (org.). **Visões da história do planalto Rio-Grandense (1980-1950)**. Passo Fundo: UPF, 2001.

PAULA, Jeziel de. **1932: Imagens construindo a História**. Campinas/Piracicaba: Ed. da Unicamp/Ed. Unimep, 1998.

PAULA, Jorge Augusto de. **O Fão**: um episódio da revolução de 1932 no Rio Grande do Sul. 2ª ed. Passo Fundo: Ed. Serrador, 1972.

PESAVENTO, Sandra Jathay. **RS**: A economia & o poder nos anos 30. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.

RANGEL, Carlos Roberto da Rosa. **Crime e castigo**: conflitos políticos no Rio Grande do Sul (1928-1938). Passo Fundo: UPF, 2001.

ROSANVALLON, Pierre. **Por uma história do político**. São Paulo: Alameda, 2010.

VERDI, Valdemar Cirilo. **Soledade, das Sesmarias, dos Monges Barbudos, das Pedras Preciosas**. Não-Me-Toque: Gesa, 1987.

WEDY, Garibaldi Almeida. **Soledade: fatos políticos, violência e mortes, reminiscências, década de 1930-40**. Porto Alegre: Renascença, 1999.

FONTES DOCUMENTAIS

Brigada Militar do Estado do Rio Grande do Sul, Destacamento do 3º Regimento de Cavalaria. Relatório enviado ao Comandante Geral da Brigada Militar. Soledade, 30 de março de 1938, assinado pelo 1º Tenente Comandante do Destacamento Januário Dutra. (APERS)